

Engenharia em São Carlos: saudade desses tempos ...



Em crônica publicada recentemente foi comentada a qualidade da vida acadêmica graças às facilidades do campus da EESC que nos unia a todos: docentes, discentes e funcionários.

As pesquisas dos vazios do solo pelo profº Thales de Lorena Peixoto que me aguçava a curiosidade e me fazia dar incertas no laboratório. E era sempre bem recebido e travávamos discussões que me ajudaram posteriormente. Lembro-me do profº João Hellmeister, apelidado de “João Madeira” que fazia testes com madeiras coladas. Suportavam altas cargas e o profº João dizia que colas seriam as uniões entre materiais. As melhores e mais fáceis de serem executadas. Embora não se use tanto, a cola foi um tema que abria a nossa imaginação.

Mais ainda quando o profº Schiel construiu sua casa e, na piscina, executou um trampolim de concreto. Fomos conversar com ele e fomos convidados a visitar o trampolim. Ora, disse ele, é questão do “E”, módulo de elasticidade! Entre madeira e concreto são parecidos, mas o concreto é mais barato e, se bem feito, não apodrece como a madeira.

Continuando tínhamos o profº Ernest Stumpf com seu “aero móvel” e o motor à álcool.

Todos visitávamos seu laboratório & oficina. Acabou indo para o ITA aonde criou o motor a álcool, para autos e aviões.

O profº Romeu Corsini já tinha sua proposta para o novo aeroporto de São Paulo. Aproveitava o largo canteiro central da Via dos Bandeirantes para colocar um trem rápido para Viracopos onde se faria o “check in” e o despacho de bagagens. Já na época citava a região de Viracopos com a maior insolação anual do Leste e do Sul brasileiros. E já comentava as tesouras de vento de Cumbica, onde a pista fora construída paralela à Via Dutra e às serras da Cantareira e da Mantiqueira (para as aproximações) e que em tupi-guarani Cumbica significava “nuvem baixa”. Mas já dizia que embora sua proposta de Viracopos fosse mais eficiente e menos custosa a escolha seria a de Cumbica, dentro da área da Base Aérea de São Paulo.

São exemplos de um aprendizado, digamos “holístico”, que unia os conhecimentos técnicos com as necessidades do país. Na minha vida profissional tanto nas obras do Centro-Oeste, como nas do Metrô/SP, percebi a ajuda que esse conhecimento me dava. E lembrava-me sempre do caro mestre Araken Silveira chamando nossa atenção: “Cultura da Engenharia!” “Num país em desenvolvimento isso é fundamental. Vocês têm que usar a imaginação, criar, ousar, inventar! Mas para isso devem ter a Cultura da Engenharia!”. A mais pura verdade. Por várias vezes ouvi isso de outra forma. Lembro-me bem do profº Vitor de Mello, que irritado com uma discussão meio pobre, bradou: “Liguem os fatos! As técnicas! Tudo tem a ver com tudo!”.

Tudo tem a ver com tudo! Com toda a certeza ... E brincava: “precisamos tropicalizar essas teorias de Mecânica dos Solos, a maioria vindas da Dinamarca, Suécia, onde não existem desníveis. Quando se deparam com míseros 5% gritam ‘Urra!’”. Com países que jogam sal nos pavimentos quando têm nevascas”. E, anos depois, apareceu essa tropicalização. Talvez não por acaso com o profº Nogami, que passou, também, pela EESC.

Esse espírito de amizade, de criação, inovação, fazia parte também do corpo discente.

Quando, por exemplo, o Perrini e o Wladimir Villela, formaram a dupla de música caipira “Bié e Jacaré”, apelido deles. Foram a um concurso de música sertaneja no ginásio de esportes onde foram aclamados! Em “off” a comissão disse que eles eram os melhores mas que não podiam dar o prêmio a eles, que não tinham um perfil de “Pedro Bento e Zé da Estrada”. Ganharam o segundo lugar.

No tocante à música tínhamos o “Nota Dez” com Clidinho, Faninho, Ozien, Sérgio Saya (perdoem-me se omito algum), que tocavam MPB e jazz, com arranjos do maestro Clidinho (Euclides Gabriel), música refinada. Com isso organizávamos os festivais de música.

Lembro-me de uma cantora de Limeira, tão quietinha, bo-nitinha, quanto afinada. Veio por anos e me paralisava quando cantava “Primavera” com seu alcance vocal e voz privilegiada. É a hoje livre docente da São Francisco, Direito USP, profª Silmara Juny de Abreu Chinellato, autora de livros de direito.

Tínhamos também contato privilegiado com autoridades da USP. O diretor Teodoreto Souto nos atendia sempre e levava todas as personalidades que nos visitavam no CAASO. Lembro-me de uma tarde quando almoçávamos no restaurante do CAASO e entram Professor Teodoreto, o reitor Gama e Silva (depois ministro da Justiça) e sua esposa. Fomos recebê-lo (eu e Schneider) e ele disse que reclamávamos sem razão, pois aquele dia, o cardápio oferecia arroz com camarões! Não parecia um restaurante universitário, segundo ele! Schneider foi rápido: “o senhor não sabe que aquele que achar o camarão ganha, aí sim, mais camarões!”.

E poucos sabem que tínhamos um poeta, fazia boas poesias, com cunho social, mas não as exibia. Diomedes Cesário, doutor em petróleo, engenheiro da Petrobras e presidente da AEPET (Associação dos Engenheiros da Petrobras), detentor de prêmios no campo da energia, sempre defendendo nossa engenharia.

Enfim são tantas as histórias e casos que, talvez, caso sinta acolhimento destas linhas pelos leitores, voltarei a um próximo relato em outra edição. Agradeço a atenção de quem leu, gastando um dos bens mais preciosos que temos: nosso tempo! 

NESTOR SOARES TUPINAMBÁ
é engenheiro, mestre em urbanismo e
consultor de transporte
E-mail: nstupinamba@uol.com.br